

DOI: 10.22476/revcted.v6i2.472

ISSN: 2447-4223

O PASSADO NOS CONDENA?

Mariângela Bairros¹

Faculdade de educação – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Submetido em: 02/11/2020

Aceito em: 20/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

Resumo

Nesta carta pedagógica proponho-me dialogar com os cidadãos e cidadãs do Brasil. Escrevo a carta com o objetivo de realizar um debate sobre o que ocorre no Brasil da atualidade. Dormimos esperança e acordamos fragmentação e despolitização. Retomo os conceitos de cidadania e democracia no Brasil considerando três aspectos descritos por José Murilo de Carvalho. A escravidão, o latifúndio e a falta de direitos sociais são heranças coloniais que perduram até hoje como aspectos centrais na história da constituição da cidadania brasileira. Por último, nesta carta pedagógica aos cidadãos brasileiros, apresento debate que reflete a dimensão da conjuntura na qual o Brasil está inserido neste momento.

Palavras-chave: Cidadania; democracia; esperança

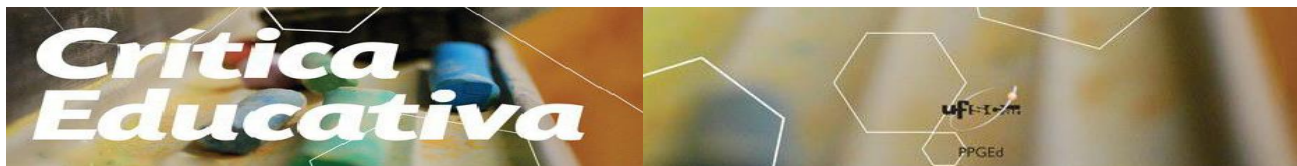
DOES THE PAST CONDEMN US?

Abstract

In this pedagogical letter, I propose to dialogue with the citizens of Brazil. I am writing the letter in order to have a debate about what is happening in Brazil today. We sleep in hope and wake up fragmentation and depoliticization. I return to the concepts of citizenship and democracy in Brazil considering three aspects described by José Murilo de Carvalho. Slavery, the latifundium and the lack of social rights are colony inheritances that continue today as central aspects in the history of the constitution of Brazilian citizenship. Finally, in this pedagogical letter to Brazilian citizens, I present a debate that reflects the dimension of the conjuncture in which Brazil is currently inserted.

Keywords: Citizenship; democracy; hope

¹ Professora Adjunta FACED/UFRGS. Doutora em Educação pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Ciência Política pela UFRGS. Coordenadora do GEPPEM – Grupo de Estudos de Políticas Públicas para o Ensino Médio. Integra o Núcleo de Políticas e Gestão da FACED/UFRGS. E-mail: mmbairros@gmail.com



¿NOS CONDENA EL PASADO?

Resumen

En esta carta pedagógica, propongo dialogar con los ciudadanos de Brasil. Escribo la carta para tener un debate sobre lo que está sucediendo hoy en Brasil. Dormimos con esperanza y despertamos fragmentación y despolitización. Vuelvo a los conceptos de ciudadanía y democracia en Brasil considerando tres aspectos descritos por José Murilo de Carvalho. La esclavitud, el latifundio y la falta de derechos sociales son herencias coloniales que continúan hoy como aspectos centrales en la historia de la constitución de la ciudadanía brasileña. Finalmente, en esta carta pedagógica a los ciudadanos brasileños, presento un debate que refleja la dimensión de la coyuntura en la que Brasil se inserta actualmente.

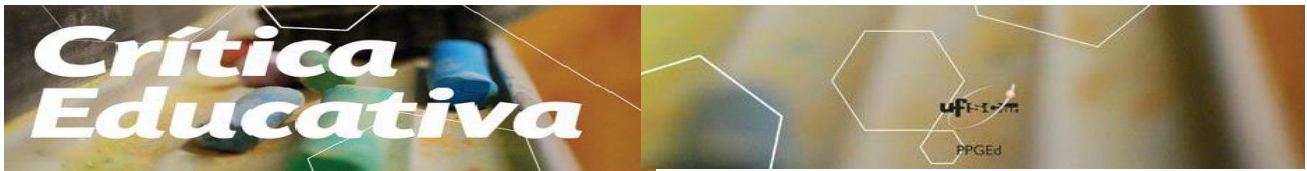
Palabras clave: ciudadanía; democracia; esperanza

Neste 11 de outubro de 2020 dirijo-me a todas as cidadãs e cidadãos preocupados com o futuro do Brasil. Senhor cidadão, vivemos tempos estranhos! O senhor não acha? Hein senhora cidadã, vivemos tempos amargos, o que a senhora pensa sobre isso?

Escrevo para vocês, pois preciso conversar com o senhor cidadão e a senhora cidadã, os vizinhos, os amigos, preciso perguntar o que aconteceu com este Brasil, que dormiu esperança, acordou ódio, preconceito, homofobia, desalento. Hein senhor cidadão, o que aconteceu com o senhor? Dormiu sonho e acordou despolitização.

Tom Zé um dos brilhantes cidadãos brasileiros e de quem gosto muito, dentre tantos, em um certo momento de nossa história, que assim como a de hoje, faz doer, escreveu uma música que fala muito do Brasil dos dias que vivemos. Nesta música Tom Zé (1972) apresenta um Brasil de amarras e mordidas. A mesma música mostra um sofrimento que voltou a circular, que abre as feridas como se apresentasse um corpo rasgado, em escárnio neste nossos Brasil. Letra e música fazem doer, mas também fazem nos vermos brasileiros.

Senhor cidadão, Senhor cidadão. Me diga, porque, me diga por que você anda tão triste? Tão triste. Não pode ter nenhum amigo senhor cidadão. Na briga eterna do teu mundo senhor cidadão, tem que ferir ou ser ferido senhor cidadão. Oh cidadão, que vida amarga, que vida amarga. Oh senhor cidadão, eu quero saber, eu quero saber, com quantos quilos de medo, com quantos quilos de medo, se faz uma tradição? Oh senhor cidadão! Eu quero saber, eu quero saber, com quantas mortes no peito, com quantas mortes no peito se faz a seriedade? Senhor cidadão, senhor cidadão eu e você, eu e você, temos coisas até parecidas, parecidas. Por exemplo, nossos dentes, Senhor cidadão, da mesma cor, do mesmo barro, senhor cidadão,



enquanto os meus guardam sorrisos, senhor cidadão, os teus não sabem senão morder, que vida amarga, oh... (TOM ZÉ, 1972).

O Brasil de Tom Zé, que também é de Ana, de Rufini, de Antônio, que também é de Yves, de José Murilo. É de André, é de Marina, é do seu Juarez, é da alegre Luciane, da séria Patrícia, da duvidosa Gisele. É dos desligados meninos que correm agora no campo atrás de uma bola aos gritos. E que ouço daqui de casa, mesmo na pandemia.

É o Brasil que dormiu esperança, acordou fragmentação e despolitização.

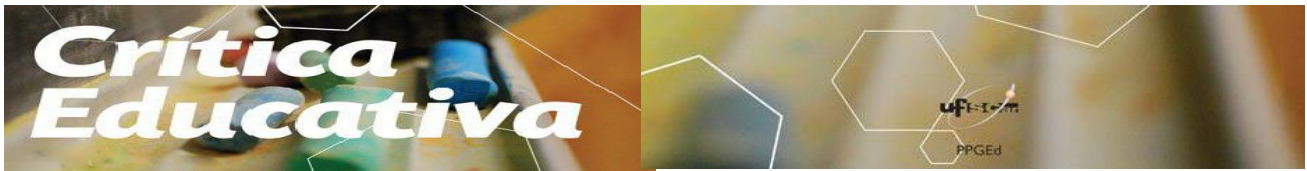
Todos os dias a fala do presidente do Brasil traz perplexidade, esconde a corrupção, a miséria e os desvalidos. Não nos deixa descobrir quem matou Marielle. O Brasil de um presidente que faz politicagem – POLÍTICA - é palavra carregada de bons sentidos – mas no nosso Brasil, não! Este presidente, com letra minúscula mesmo, está impedindo que os investimentos para uma educação pública de qualidade cheguem até as crianças e jovens. Agora quer privatizar o SUS – Sistema Único de Saúde, de atendimento universal!

Que Brasil é este dos dias atuais? Este Brasil no dizer de Carvalho (1995), teve sua cidadania moldada a porrete, e é sobre isso que quero pensar com o senhor cidadão. Deitamos esperança, acordamos desespero, pandemia, desemprego, desalento. Para além disso, somos queimadas, ardemos em fogo, somos bala perdida, somos preconceituosos, não aceitamos diferenças. Somos quem nem sabemos que somos! Deitamos esperança, acordamos desamor, homofobia, machismo, violência.

Senhor cidadão, me diga qual a razão disto tudo?

No Brasil que acordou em 2019, a ciência, a cidadania, a democracia, justiça social, direitos iguais foram questionados. Conceitos outrora pensados incorporados ao *ethos* do povo, percebemos que agora não. Carvalho é um autor de quem gosto muito, uma referência desde o mestrado em ciência política, e que em determinado momento da sua história de Brasil, também me surpreendeu, mas isso é outra conversa, para outro momento.

Nesta carta proponho uma pergunta: que Brasil é este, que dorme esperança e acorda desesperança. De onde tirar forças para tornar o Brasil um lugar lindo de se viver? Mais do que nunca precisamos falar, gritar sobre o que vivemos aqui neste pedaço de *terra Brasilis*, mas que é



planeta, é um mundo! Qual a razão de um povo não valorizar democracia? Justiça social? Direitos iguais?

Que Brasil é este que dorme esperança e acorda sob porrete? Que convive diariamente com falas; *tu sabes quem eu sou? Tu sabes com quem estás falando? Tu nunca vais morar aqui neste condomínio!* Estas são falas de cidadãos brasileiros.

Mergulhada neste profundo sentimento de tristeza, em mais uma das tantas vezes, recorro a Carvalho, que disse:

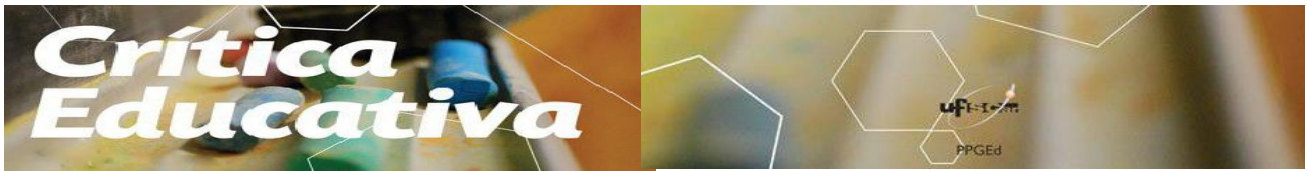
A cidadania inglesa, na conhecida análise de E. P Thompson, foi construída em cima de um profundo sentimento de liberdade; a francesa assentou nos princípios da liberdade, da igualdade, da fraternidade; a norte-americana emergiu das comunidades livres da nova Inglaterra. A Brasileira foi implantada a porrete. O cidadão brasileiro é o indivíduo que, na expressão de Ferreirinha, tem o gênio quebrado a paulada, é o indivíduo dobrado, amansado, moldado, enquadrado, ajustado ao seu lugar. O bom cidadão não é o que se sente livre e igual, é o que se encaixa na hierarquia que lhe é prescrita. (CARVALHO, 1999, p.307).

Então, será este o ponto de partida? Penso que sim. É Carvalho (1995) também que nos diz que na história da constituição do Brasil três obstáculos frearam seu desenvolvimento: a escravidão, a grande propriedade e a falta de afirmação social, pode-se dizer direitos sociais. Esta originalidade que nos devolve sempre às mesmas origens, que segue produzindo e reproduzindo o mesmo Brasil da escravidão, dos grandes empresários, da falta de direitos.

O primeiro obstáculo destacado pelo autor, a escravidão, fenômeno estabelecido no território como um todo, constituiu-se em um impacto simbólico para a sociedade, sentido ainda nos dias de hoje. A naturalização da escravidão conduziu a uma generalização, por um lado, da propriedade de seres humanos, escravos, sendo que qualquer pessoa possuía de três a quatro escravos. Dados do IBGE mostram que em 2019 no Brasil houve mais de mil pessoas resgatadas de trabalho escravo. Sim senhor cidadão, trabalho escravo.

Os brasileiros têm em seu imaginário, ainda nos dias de hoje, a escravidão estampada na entrada diferenciada dos prédios, da contrariedade às cotas nas universidades, a quase inexistência de negros professores, de médicos negros, e a falta da cidadania está estampada diariamente nos noticiários de televisão. Cotidianamente, repetidamente.

Nesta carta que dirijo a vocês, acredito ser relevante destacar que isto, ainda hoje, alimenta um



sentimento de falta de pertencimento, de falta da ideia de que cada cidadão tem direito de participar e de exigir do Estado que assuma suas responsabilidades.

Senhor cidadão, precisamos debater sobre a naturalização da falta de direitos e de justiça social. De onde vem isso? Sua origem? De um lado, a não defesa destes direitos, por outro, podemos afirmar, que há uma falta de entendimento sobre estes direitos.

Os conceitos de cidadania, de justiça social, de distribuição de renda, igualdade, pluralidade, ainda são conceitos inalcançáveis e ausentes da vida da maioria dos brasileiros. O que faremos senhor cidadão?

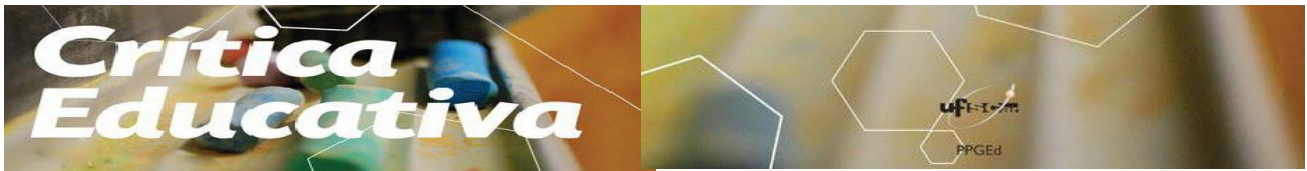
Olhando para um passado próximo, eu diria que na última década do século XXI, o Brasil produziu avanços e ampliação de direitos, aprofundamos o debate sobre cidadania, políticas públicas educacionais, porém dormimos esperança, acordamos desalento.

Em 2020 acordamos perplexos, pois o Brasil nos levou para trás na esteira do tempo, nos vemos novamente sem cidadania, com aprofundada perda de direitos. O longo século XX parecia que havia resolvido muito de nossos dilemas sociais. Conceitos como cidadania, direitos civis, políticos e sociais teriam sido incorporados ao *ethos* do brasileiro. O que aconteceu senhor cidadão?

O segundo aspecto descrito por Carvalho (1995), o latifúndio, assim como a escravidão, não foi bom antecedente para a formação do Brasil. A grande propriedade oportunizou o surgimento de um fenômeno chamado coronelismo. O Coronel apoiava o governo em troca de cargos públicos. Para analisarmos o Brasil, precisamos pensar no coronelismo que ainda está incrustado nas famílias de bons cidadãos, o coronelismo sustenta a estrutura social do Brasil dos dias atuais, ainda!

Este Brasil que arde em chamas na atualidade, invade e expulsa índios de suas terras, grita mais forte, porque este sim, se diz cidadão. O latifúndio e a casa-grande seguem com um poder que sempre andou em paralelo com o poder oficial. Verdade senhor cidadão?

O terceiro aspecto apresentado por Carvalho é a não incorporação da questão social, de direitos sociais. Para o autor, o fato de não ficar explícita a oferta da educação como obrigação do Estado na Constituição de 1891, deixando tal definição para os estados oferecerem o ensino primário, ao contrário do que estava estabelecido na Constituição de 1824, obstruiu ainda mais os caminhos da formação da cidadania brasileira. Além disso, ficou proibida a intervenção do Estado nas relações de trabalho, sendo que o campo da “proteção social” cabia aos senhores donos de



terras, latifundiários, ou seja, dos coronéis. Senhor cidadão, esta história é antiga!

Será senhor cidadão, que estes elementos contribuíram para que o processo dos direitos políticos, civis e sociais não tenham avançado?

Nossa história sempre foi interrompida, truncada, deixando-nos uma herança difícil de ser revertida. Ficaram perdidas muitas construções, principalmente, em relação aos nossos direitos sociais, civis e políticos.

A cidadania é um Status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o *status* são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status. Não há um princípio universal que determine o que estes direitos e obrigações serão, mas as sociedades nas quais a cidadania é uma instituição em desenvolvimento criam uma imagem de uma cidadania ideal em relação a qual a aspiração pode ser dirigida. A insistência em seguir o caminho assim determinado equivale a uma insistência por uma medida efetiva de igualdade, um enriquecimento de matéria-prima do *status* e um aumento do número daqueles a quem é conferido o *status*. A classe social, por outro lado, é um sistema de desigualdade. E esta também, como a cidadania, pode estar baseada num conjunto de ideais, crenças e valores. (MARSHALL, 1967, p. 76)

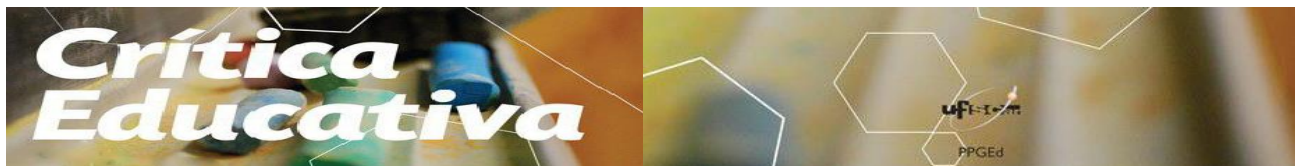
Cidadania é mais que um conjunto de direitos, é incorporação no cidadão brasileiro este valor, apropriação do sentido, do pertencimento. O autor diz que *é a argamassa que une entre si os indivíduos e mantém unida a comunidade em momentos de crises*.

E agora senhor cidadão, de onde tirar cidadania? Eu lhe responderia: da educação, senhor cidadão, das escolas públicas para todos, das instituições públicas.

A educação é, sim, exemplo de tradição, porém esta não pode significar somente algo que está gravado nas mentes, aquilo que foi enraizado na memória histórica de um povo que foi amansado a porrete, não! Educação é cultura, ciência, é avanço perante o mundo.

O momento, senhor cidadão, é de uma retomada urgente de construção de conhecimento, sobretudo do sentido de inacabamento, de recomeçar. É hora de recomeçar. Sou professora. E como professora recomeço todos os dias, me reinvento todos os dias, pois estou inacabada.

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural,



histórico, inacabado e consciente do inacabamento. Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente (FREIRE, 1998, p. 55).

Antes de tudo, no inacabável, está presente o conhecimento, a aprendizagem como algo vivo, mutável e com possibilidades concretas diante de situações como as que vivemos hoje no Brasil.

Para encerrar esta carta faço um último relato, senhora cidadã, senhor cidadão. Aqui em casa em uma noite que já corria alta, de repente gritos de uma mulher, gritos desesperados. Os prédios ao redor, inclusive o meu, cidadãos correm para as janelas. Lá embaixo um único jovem, cidadão quase menino chega à frente da casa de onde se ouviam os gritos, esperei, ele seguia sozinho, desci e me juntei a ele, em pouco mais de cinco minutos éramos uns dez cidadãos providenciando e enfrentando o que a situação exigia. Uma cidadã dizia assim: *eu não ficaria em casa ouvindo os gritos de uma mulher que amanhã poderia estar morta*. Apesar da situação triste, me enchi de alegria.

Senhora cidadã, senhor cidadão, o desafio: pensar diferente. Sobretudo, ousar mudar!

Hein senhora cidadã, acorda senhor cidadão, porque o Brasil pode voltar a ser esperança!

Referências

- CARVALHO, José Murilo de. Pontos e Bordados: Escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. Desenvolvimento de la cidadania en Brasil. México: Serie ensayos, 1995.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- MARSHALL, T. H. Cidadania, Classe social e Status. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.